

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

C. M. B.
BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Carta da Índia | O PROBLEMA HABITACIONAL

EMBORA tarde, eu não queria faltar ao prometido, portanto aí vão para o "Boletim Social da TEBE" algumas despedidas palavras; mas que traduzem fielmente o meu sentir e o meu amor acrisolado a tudo quanto é nosso, a tudo que nos evoca as epopeias de antanho. Ai vão pois, algumas pinceladas que consegui arquivar para deleite dos meus colegas trabalhadores, dos meus amigos da Metrópole.

em posição, arrancava dela a música que me tem adormecido... o fado português.

Um amigo meu, igualmente sonhador, costuma acompanhar-me em passeios que se prolongam em todos os sentidos e para todos os lugares.

Gostaria de me alongar mais mas esta carta é a primeira saudade, é a primeira confissão... é o primeiro abraço.

(Continua na página 2)

NÃO voltaria a focar este problema se algumas cartas amigas não viessem encorajar-me e fornecer-me elementos.

O problema em si, na sua essência, é tão discutível e presta-se a tanta especulação que me parece ser necessário trazer para estas colunas alguns números e outros conceitos positivos.

Dizia eu, no número anterior, que Barcelos tem construído

muito pouco e continuo a dizer que é verdade.

A construção habitável não está na razão directa do seu índice populacional, porque a falta de espaço residencial escasseia assustadoramente adentro do burgo barcelense.

Desta falta de espaço habitável vê-se o operário na negra necessidade de o procurar nas povoações circunvizinhas. Esta afirmação é tão positiva que parece não oferecer dúvidas a ninguém bem intencionado.

Eu conheço mais de 15 operários que trabalham em Barcelos que têm necessidade de viver em aldeias próximas, pois não encontram moradias dentro da cidade. Esta procura de habitação longe do local de trabalho obriga a um dispêndio de capacidades físicas e de preocupações imediatas. O dispêndio físico do operário é o resultado do percurso forçado, a pé ou de bicicleta. É a preocupação imediata, é a falta de certeza se chega à fábrica, à oficina, etc., a horas regulamentares.

Este problema, tão aparentemente banal, cria sérias dificuldades na vida do operário e da sua família.

Mas se as entidades competentes estão a estudar assuntos referentes ao problema habitacional porque não se estuda, se aprofunda e se analisa um projecto de construção económica?

Porque se não ventilam estes problemas com a grandeza de alma que eles merecem?

Fala-se tanto em justiça social, em humanitarismo, etc., etc. e, afinal, a felicidade dum lar trabalhador, está, tantíssimas vezes, em obter uma casa.

Consiga-se-lhe essa casa com uma renda possível e veremos, bem depressa, que a sua angústia se transformou em libertação e que a sua incerteza foi destruída com a felicidade de uma casa.

«É preciso, portanto, encontrar uma combinação em que a

Ao chegar à Índia, a esta Índia que eu trazia caldeada no sangue e na inteligência, senti na minha alma a evocação sublime de toda a nossa história destas plagas do Oriente.

Deslumbrado pela flora e desejoso de conhecer a fauna embrenhei-me pelo interior e assim, olhos perdidos nos encantos que se alongavam em todos os sentidos, sentia-me poeta, tinha necessidade, uma necessidade imperiosa, de gritar bem alto todo um arrebatamento que me encantava. Peguei no lápis e tentei escrever um poema... mas não tive coragem de o terminar porque faltava alguma coisa por dizer... e não sei mesmo se um dia terei possibilidade de o terminar.

Gostaria de começar assim: O terra portuguesa tão nossa como a outra! E gostaria de terminar desta maneira:

Aqui é Portugal... eternamente nosso.

Eu lia, em cada palmo de terra, esta legenda sagrada:

«Aqui também é Portugal».

Depois, a tarde declinava e o sol ia tombando numa poalha de ouro e os meus sentidos embriagados sentiam-se adormecidos como se tudo aquilo que eu via fosse apenas e somente o reflexo de um sonho... Mas eu não sonhava... eu via e sentia uma espécie de êxtase que me tornava feliz...

De quando em vez uma saudade embalava-me e eu, guitarra

Poema de

Amor e Ódio



«ESCRAVOS»

*O Escravo ergueu na arena seu canto de harmonia,
De lágrimas e sangue e cântico de vestais,
Cantando a soluçar seu riso de punhais,
Do sangue coagulado em noites de agonia.*

*E a escrava rutilante, com olhos sepulcrais,
Cantava e bailava em rit(e)mos velozes,
Deixando o ar em chaga de frêmitas nevroses,
Com ódios tão profundos, que não esquecem mais.*

*E um dia cantarão poemas envolventes,
De feixes de verdades em focos de razão,
Erguendo à luz da noite as almas em clarão,
De chagas corrompidas em gritos convincentes.*

*E o Nero debochado em gozos infernais,
Nas noites do prazer, em feixes de lascivas,
Há-de morrer queimado nos fochos dos convivas,
Pedindo aos escravos a força dos punhais.*

Concurso de quadras publicitárias

No próximo número do «Boletim Social da TEBE», vamos iniciar um novo concurso. Este tem por fim glosar um mote, apresentando os nossos estimados assinantes uma quadra, enaltecendo determinado produto ou marca.

A primeira marca a ser apresentada é a da afamada caneta de tinta permanente «BIG-BEN», de que é depositária em Barcelos a Papelaria e Livraria LIZ.

Atenção, portanto, estimados assinantes a mais este sensacional Concurso, que o «Boletim Social da TEBE» lhes apresenta, a partir do próximo número.

Os prémios são tentadores.

Use sempre malhas TEBE

CARTA DA ÍNDIA

(Continuação da página 1)

Depois, se o tempo, a saúde e o destino o permitirem, irei dando notícias de mim e deste torrão sagrado que o sangue de tantos heróis consolidou e a vilania e a traição de outros pretende avassalar.

Aqui! É Portugal... E nós somos a sentinela vigilante contra todas as ameaças, contra todos os perigos, porque somos portugueses e não queremos macular com a nossa cobardia a recordação sagrada do valor dos nossos maiores.

Um Zé Ninguém

Índia Portuguesa — Novembro, 1955

família, a pátria e a propriedade sejam organizadas de tal modo que o operário possa desenvolver-se e progredir no seio da humanidade, sem ser oprimido por ela».

Para isso é necessário olhar para o trabalhador, quer seja empregado de escritório, quer seja maquinista, com aquela justiça e com aquela humanidade que as encíclicas dos Papas ditaram e os governos cristãos aceitaram.

Portanto, o problema da família é um problema sagrado e só discutível à luz da inteligência e do coração.

Por estas razões, uma família sem casa vive atormentada e estabelece em si mesma uma descrença nos homens e na vida.

O actual Ministro das Corporações, Snr. Dr. Veiga de Macedo, certamente que estudará este momentoso problema que flagela inúmeras famílias de trabalhadores.

Oxalá sejam bem interpretadas as minhas humildes e simples considerações.

A. B.

Secção Desportiva

Vitória Sport Clube

Pela lamentável incompreensão da Direcção do Gil Vicente desapareceu a secção de oquei em patins. Não vamos, porque não interessa, apreciar aqui tal resolução parecendo-nos, somente, que uma secção de oquei em patins já montada e em funcionamento não é coisa que se deite fora, pois que as dificuldades iniciais são as maiores e as únicas que poderão impedir a criação desta modalidade.

Porém, felizmente, nem tudo se perdeu, pois que uma colectividade de Barcelinhos resolveu dedicar-se à prática do oquei patinado, absorvendo assim a extinta.

Já realmente se tornava notada a falta dum grupo de oquei barcelinense, lacuna que agora fica preenchida.

Para o Vitória vão os nossos desejos sinceros de uma longa vida na prática do oquei patinado, com o oferecimento destas páginas sempre que delas necessitar para a defesa dos seus interesses.

|||||

Campeonato N. de Juniores

Se bem que um pouco deslocada no tempo, não queremos deixar de prestar a justa e devida homenagem à equipa de Juniores do Famalicense, que tão brilhantemente conquistou o título de campeã nacional da modalidade.

Equipa ainda jovem e de grandes possibilidades, foi orientada por um nome já bem conhecido no Minho. Armando Veloso revelou mais uma vez a sua categoria e valor como treinador.

Contraíu o Famalicense com esta vitória uma responsabilidade; a de manter o nível técnico da sua equipa por forma a continuar a prestigiar o oquei minhoto. Que continue a ser o detentor do título é o que desejamos, como aliás, todos os bons desportistas do Minho.

|||||

Campeonato Europeu de Juniores

Realizou-se em Barcelona o Campeonato Europeu de Juniores. Da maneira como decorreu, e da actuação das equipas que nele tomaram parte, já se disse muito, ficando portanto deslocada qualquer apreciação aos jogos.

De lamentar a atitude dos dirigentes internacionais da modalidade que não souberam ou não quiseram respeitar os regula-

Associação de Patinagem do Minho

COMO já é do conhecimento de quem se interessa pelo oquei do Minho, atravessa a Associação de Patinagem de Braga uma grave e difícil crise, que, a não ter solução nas próximas eleições, ocasionará talvez o seu desaparecimento.

Poderemos encarar esta crise sob dois aspectos, qual deles o mais importante, pois que ambos são fundamentais para a vida duma Associação.

Na verdade, quando a uma falta de membros directivos com capacidade suficiente para o bom cumprimento do seu mandato, se juntam as dificuldades financeiras, que as próprias entidades superiores se negam resolver, é muito difícil, diremos mais, talvez impossível conduzir o barco a bom porto.

Aguardemos pois as eleições que se aproximam, mas sem a apatia e o desinteresse que vimos notando. Há uma necessidade absoluta de contacto entre os Clubes interessados para que surja uma solução justa e do agrado geral.

Se há na verdade interesse da parte dos Clubes minhotos que a sua Associação não desapareça, bom será que esse interesse se manifeste de maneira a contribuir eficazmente para que o problema se resolva.

Há que compor uma Direcção com valores que sejam capazes de guindá-la ao ponto a que tem direito no oquei português, para que não se voltem a repetir as manifestações de desinteresse, e porque não dizê-lo, de descortesia, verificadas nas últimas reuniões de Delegados das Associações em Lisboa.

Aqui fica pois a sugestão e o aviso, com os votos de que os clubes não deixem desaparecer por incúria ou desinteresse a Associação de Patinagem de Braga.

Pires Bigote

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens de Portugal.

mentos da Prova ocasionando a desistência de duas equipas de grande valor: a de Portugal e a da Itália.

Pena foi que o Campeonato não tivesse o final merecido e de acordo com os seus princípios do Desporto.

Noticiário

Segundo consta o Vitória de Barcelinhos vai ter como orientador o atleta portuense Domingos Saramago e apresentará 3 categorias: Infantis, Juniores e Seniores.

A Secção de oquei em patins do Vianense atravessa grave crise de que poderá resultar o seu desaparecimento.

Se tal se vier a verificar o Minho perde uma equipa de grande valia.

Em Barroselas está criado um Clube que se vai dedicar à prática do oquei patinado, sendo brevemente a apresentação da equipa de honra.

O Oquei Clube de Barcelos tem no seu programa de realizações para a próxima época a fundação duma sede condigna com sala de espectáculos e de diversões.

É na verdade necessário que um Clube de Barcelos tenha uma sede com instalações que possam proporcionar aos associados um mínimo de comodidade e distrações.

No próximo dia 4 de Dezembro comemora o Clube Desportivo de Barcelinhos o 26.º Aniversário da sua fundação com o seguinte programa:

Às 9 horas — Exposição da sede aos sócios, não sócios, adeptos e admiradores do Clube;

Às 10,30 horas — Missa por alma dos sócios e atletas falecidos, na Igreja Paroquial;

Às 11 horas — Romagem junto às campas dos sócios e atletas falecidos;

Às 21 horas — Sessão solene com entrega de prémios aos atletas e homenagem, seguida de um «COP DE ÁGUA».

— Durante o dia e numa das melhores montras de um estabelecimento comercial serão expostos ao público todos os prémios conquistados pelo Clube durante os seus 26 anos de existência.

Atendendo à projecção que o Desportivo de Barcelinhos tem no Desporto Nacional mercê das últimas vitórias alcançadas pelos seus briosos atletas justo é que estas comemorações se revistam do brilhantismo que merecem.

A TEBE tem um artigo para cada português e um modelo para cada gosto... Assim todos os portugueses as estimam e as preferem.

Para a aproximação das classes devem os detentores da riqueza DAR O PRIMEIRO PASSO

—AFIRMOU, NO DIA 23 DE SETEMBRO, O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES

(Continuação do último número)

10 — Quem não tiver espírito corporativo não deve ser dirigente corporativo. É à luz deste pensamento que o Ministério das Corporações está a orientar a sua acção. Tem-se procurado corrigir, doutrinar, moralizar. Pois houve quem estranhasse e contrariasse as providências estudadas para integrar os organismos corporativos nas suas finalidades e no seu espírito! Não nos causaram surpresa as reacções contra os nossos propósitos de dar aos organismos a autenticidade da sua própria e inconfundível doutrina. Os desvios verificados, a carência de doutrinação, a falta de uma inspecção única para toda a Organização Corporativa, a dispersão dos organismos de classe por diferentes sectores da administração, os artificialismos de estrutura que presidiram à criação de vários organismos, a não renovação dos quadros directivos, e a crise aguda resultante da ausência de um clima forte de luta, de fé, de "tensão espiritual", explicam muito do que não está certo e até a infiltração de pessoas que não querem servir, mas servir-se, e que não acreditam nos princípios consagrados pelo Estatuto do Trabalho Nacional e pela Constituição Política e até os hostilizam.

«Esforçar-nos-emos por formar dirigentes capazes»

11 — Bater-nos-emos, aquecidos por uma chama interior que teima em não se extinguir, para atribuir à Organização o sentido das suas responsabilidades sociais e nacionais e o espírito forte que promana do pensamento e do ideal corporativos. Esforçar-nos-emos principalmente por formar dirigentes capazes de compreenderem e de sentirem em todos os seus aspectos a importância e o carácter da sua missão social, económica, moral e pedagógica. O Corporativis-

mo só tallará se os seus homens falharem. Não devemos arreacar-nos das dificuldades inerentes à estruturação das Corporações e à definição do seu âmbito e dos seus poderes, nem tão pouco dos problemas ligados à simplificação, à revisão, e alargamento dos organismos corporativos básicos.

Questões complexas e difíceis, encontrar-se-ão, contudo, para elas as soluções necessárias, quanto mais não seja por sucessivas tentativas baseadas na teoria e na experiência.

O problema número um é o da formação de dirigentes. A ele vai dedicar o Ministro das Corporações, nesta fase preparatória da criação dos organismos superiores previstos na lei constitucional, a sua melhor e mais perseverante atenção. Ninguém poderá dizer que não precisa de estudar ou reestudar a doutrina, de rever posições, de fazer exame de consciência e de revigorar a sua fé,—para que ela possa aquecer em redor e trazer para os nossos caminhos de renovação social todos os que ainda são susceptíveis de viver um ideal de justiça e de paz.

12 — Encontra-se aqui reunido um escol de dirigentes corporativos que amavelmente quis aceder ao convite para esta tão significativa festa de confraternização. Por esse País além, alguns milhares dirigentes de Sindicatos e Grémios, de Casas do Povo e de Casas dos Pescadores, de patrões e de trabalhadores afirmam hoje a sua crença nos princípios que, servidos por novos métodos, vão imprimir ritmo mais vivo à Revolução Corporativa.

Somos, na verdade, uma grande força política, psicológica e moral. Mas temos a noção exacta dos obstáculos que os homens e as circunstâncias vão pôr à nossa frente. A luta que vamos travar será dura, mas constitui o único caminho para a vitória. De resto, não valerá sempre

mais cair no ardor do combate, do que apodrecer no imobilismo ou ser vencido pelo crime da traição ou pela cobardia da renúncia? A resposta tem de ser afirmativa. A Corporação vai ser uma realidade.

Ela será, porém, o que nós formos:—vivamos em plenitude a doutrina.

Ela traduzirá a nossa vontade—seja esta forte e decidida.

Ela reflectirá o nosso pensamento—seja ele o mais puro e autêntico.

Palavras de esperanças para todos

13 — Para terminar, uma nota consoladora.

A resolução de se comemorar condignamente o vigésimo segundo aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional foi acolhida em toda a Organização Corporativa com entusiasmo tão forte e tão espontâneo que muitos ficaram surpreendidos.

Ao primeiro sinal do despertar da consciência corporativa e social, logo surgiu a oferecer o seu concurso desinteressado a grande legião de homens que, nos piores momentos de crise e nos desesperantes períodos de paralização, se manteve fiel aos princípios e não deixou arrefecer a fé. O calor e a sinceridade desta parada de forças corporativas são bem a prova de que, ao fim de mais de duas décadas, é possível trabalhar e sentir como trabalharam e sentiram os homens que, nas horas da arrancada, encheram o País com o seu entusiasmo, dando às entidades patronais a garantia da tranquilidade e da ordem na observância dos princípios da hierarquia das funções e dos interesses e aos trabalhadores a certeza do respeito pela sua dignidade e pelos seus direitos e a esperança sã de melhores dias para si e suas famílias.

A vontade que nos anima e o

espírito que nos dirige são os mesmos que, nos momentos difíceis de 1933, deram vida e projecção a uma política social que, não obstante todas as suas realizações—e tantas são—está ainda longe de ter materializado toda a vitalidade da sua doutrina, na institucionalização de Regime, na evolução do sistema corporativo, na educação dos trabalhadores e dos patrões, na melhoria do nível de vida, e na luta contra as ideias e interesses contrárias ao equilíbrio social, aos direitos do trabalho e da propriedade e ao património espiritual da Nação.

14 — Este será, por certo, o significado mais profundo das saudações que os dirigentes corporativos trouxeram ao Ministro das Corporações e Previdência Social, nesta data comemorativa da promulgação de um estatuto que, mais do que "carta magna dos trabalhadores, consagra a única doutrina capaz de dar resposta tranquilizadora às inquietações sociais da hora presente.

Aceitam-se, com alegria essas saudações, principalmente na medida em que traduzem a alta e justa homenagem ao Senhor Presidente da República, perante cuja nobre figura de português e de militar nos curvamos com respeito e veneração, e ao Senhor Presidente do Conselho que, hoje como ontem, como sempre, sereno e firme, humano e independente, digno e esclarecido, orienta providencialmente uma política de verdadeiro resgate nacional e humano.

As expressões de simpatia e de apreço dirigidas ao Ministro, quer ele responder com os protestos do seu reconhecimento e com uma palavra de saudação amiga para todos os dirigentes e filiados dos organismos corporativos, cuja confiança no Governo e cuja fé nos princípios proclamados, há 22 anos, no Estatuto do Trabalho Nacional constitui o mais seguro penhor da continuidade da Revolução,—na paz, na justiça e na liberdade.

O medo é uma qualidade negativa. Muitas pessoas não realizam qualquer esforço para realçar os seus méritos e fogem do culto da sua personalidade por medo. Por medo ao desconhecido, por prejuízos do meio ambiente, em que se criaram, por falta de fé nos seus actos ou de costume em tomar iniciativas próprias; numa palavra, por causa duma das diversas condições negativas do

TRIUNFAR NA VIDA

carácter, que os filósofos resumem com a denominação «complexo de inferioridade».

É evidente que ninguém pode triunfar na luta pela vida se começar a negar, a priori, as suas possibilidades de competir com êxito. Antes de crer em qualquer pessoa, coisa ou causa, devemos crer em nós

mesmos. A fé é a base de toda a transacção humana. Por todos os meios devemos aprender a ter fé no nosso próprio valor. Esta, unida à vontade, que é a pedra fundamental sobre que assenta a verdadeira possibilidade de chegar a ser, nos tornará acessível a realização dos nossos dese-

jos e anseios mais prementes.

Se sofremos, pois, de um complexo de inferioridade, pensemos com Epicuro que o começo da salvação está no reconhecimento da falta. Procuremos estudar a medida das nossas possibilidades, calculemos o limite presente e possível da nossa capacidade de êxito, a analisando-nos retrospectivamente adquiramos a

(Continua na página 6)



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Comentários...

FINALMENTE verificamos um acentuado interesse pelas soluções dos problemas que apresentamos no número de Outubro e que constituíram a III série do concurso a que metemos ombros.

Na verdade, eram facilísimos... embora alguns levassem uma determinada intenção reservada, pois tinham até várias soluções. No entanto, só uma poderia satisfazer as condições que impusemos. Evidentemente que algumas dessas variantes, poderiam ser consideradas, mas até por uma questão de princípio, tivemos de manter o ponto de vista que traçamos ao iniciarmos a publicação dos problemas propostos. Além disso, temos de esclarecer que não pudemos aceitar soluções com duas respostas. Ou uma só resposta ou nada. Quando se não tem a certeza, não se devem pôr duas possibilidades, pois, nesse caso, daremos como errada, pura e simplesmente, essa resposta.

Queremos ainda acrescentar que o problema número I, tinha, na verdade, mais do que uma solução. No entanto, só uma tivemos de considerar, isto é, a que mais se adaptava às condições do problema e a que menor número de frutos podia ser considerada: 7. Assim, ainda ficou com 1 laranja, que levou para casa. Com as outras variantes, ficava com muitos frutos, o que não era de considerar, pois "ele" tinha ido de fugida... "às laranjas".

Finalmente, os nomes das raparigas deram lugar a variada inspiração. Houve até um concorrente que indicou a solução adequada para o nome de ALONSA = SOLANO mas acabou por cortar este nome para indicar ALBANO. Este nome também dá com a solução, isto é, é uma das "tais" variantes. Resolvemos atribuir, somente para este nome, a pontuação respectiva ou seja a parte correspondente a 1 ponto dividido pelo número de perguntas.

Uma palavra mais, sobre os hieróglifos. Parece-nos que os nossos leitores já sabem como se decifram os hieróglifos comprimidos, pois quase todos responderam acertadamente.

Basta conhecer sinónimos ou saber a numeração romana, ou ainda estar ao facto da forma de compressão das palavras ou sua abreviatura para poder, com toda a facilidade, resolver estes simpáticos problemas.

E agora vamos indicar as soluções referentes aos problemas que constituíam a

III Série do Concurso

que, como já dissemos eram tão fáceis que até tivemos o prazer de verificar respostas de meia dúzia de concorrentes femininas.

Eis as decifrações do número anterior:

I — Prova de argúcia

O rapaz colheu 7 laranjas. Deu ao primeiro guarda 3 laranjas e meia e mais metade de outra, ou sejam 4. Ficou ainda com 3. Deu ao segundo guarda uma e meia e mais meia ou sejam 2. Restou-lhe uma que foi a que levou para casa.

II — Maçada geográfica

Famalicão — Tejo — Algarve — Estrela.

III — Paciência matemática

As pessoas tinham respectivamente 20, 30 e 50 anos. Para este problema recebemos uma solução resolvida por meio de equações algébricas.

IV — Adivinhas

- a) — Figueira da Foz.
- b) — Damão.
- c) — Cabo Verde.
- d) — Ilhas da Taipa (Macau).
- e) — Rio Mondego (pois ouve os doutores em Coimbra).
- f) — Goa (Diu não é cidade).
- g) — Cidade do Santo Nome de Deus de Macau (Vila Real de Santo António não é cidade, é vila).

V — Passatempo familiar

Noemia — Elmano ou Manoel.
Marta — Amaro.
Lucinda — Luciano.

Milu — Luis.
Alonsa — Solano ou Albano.
Lena — Abel.
Elsa — Saul.

Excepcionalmente, consideramos as duas variantes acima mencionadas.

VI — Hieróglifos comprimidos

Felicidade — Milionário — Melro — Mocidade.

VII — Parentesco complicado

Minha avó.

Para verificarem até que ponto chegou o interesse pelo nosso concurso, basta dizer-lhes que deu controvérsia e discussão em quase todos os pontos de reunião mais destacados do nosso burgo tendo-se efectuado apostas que redundaram em autênticos fracassos para alguns e para outros foram de bom prenúncio: conhecimentos e algum metal sonante para os "extras".

No entanto, temos de concordar que os problemas eram muito fáceis... demasiadamente fáceis. Não queremos dizer que a série IV vai ser difícil... mas será pelo menos um pouco mais variada e obrigará portanto a um maior raciocínio e até a puxar mais pelos conhecimentos de cada um.

Vamos, portanto, aos problemas da

IV Série:

I — Prova de argúcia

Depois de saírem do casino, dois amigos têm a seguinte conversa: Quanto ganhastes? — Três notas, e tu, quanto perdestes? — Três notas, mas diferentes no quantitativo das que tu ganhastes? — Mas apesar disso, representam o mesmo valor!

Poderão dizer-nos quanto ganhou um e perdeu o outro?

II — Maçada geográfica

Queiram dizer-nos quais as terras portuguesas que estão escondidas nas palavras seguintes:

MARTELO — RAPES — VALES — GALOS — ANDULA

III — Paciências matemáticas

- a) — Quantos números de 2 algarismos existem?
- b) — Repetindo nove vezes o algarismo 6 e usando os sinais conhecidos formar uma expressão que depois de resolvida seja igual a 2.

IV — Adivinhas

- a) — Quantas cordas tem uma rabeca?
- b) — Como se podem colocar três 2, de forma a obter 24?
- c) — Qual é a maior ilha do mundo?
- d) — O que é mais pesado, o chumbo ou a platina?
- e) — Se o sol se apagasse, por quanto tempo ainda o veríamos brilhar?
- f) — Depois de uma copiosa refeição podem-se comer ainda uma dúzia de pastéis. Quantos poderia comer uma pessoa que estivesse em jejum?
- g) — No globo terrestre, qual é maior, a superfície das terras ou a dos mares?
- h) — A letra A é a primeira de todos os alfabetos?
- i) — Qual é o músculo mais rápido do corpo humano?
- j) — Em que dia está a terra mais afastada do Sol?

V —

- a) — O que é que os surdos ouvem?
- b) — O que é que os cegos vêem?
- c) — O que é que os pobres têm?
- d) — O que é que os ricos precisam?
- e) — O que é que os avarentos gastam?
- f) — O que é que os pródigos poupam?
- g) — O que desejam os felizes?
- h) — O que amam todos, mais do que a vida?
- i) — O que recebem todos mais do que a morte ou o sofrimento?
- j) — E o que levam, todos, para a sepultura?

VI — Cartões de visita

Recebemos há tempos, diversos cartões de visita, em que nos próprios nomes estavam disfarçadas as profissões dos respectivos possuidores. Vejam os caros leitores se são capazes de as descobrir dando outra posição às letras:

G. A. D. Ribeiro	R. O. Freire
L. Teresa	Lucio T. Var
J. Omar	
Ram. Tilena	

ou ainda as terras das suas naturalidades como:

PEDRO VAZ MOIVA
CECILIA O. BARREDO
AFONSO CAVIDE VALE
MODESTA S. LARA GRAVE

Convite aos encarregados da TEBE

A direcção do «Boletim Social da TEBE» no desejo sempre crescente de ver melhorado o «Boletim» pede-vos, mais uma vez, a vossa leal e desinteressada colaboração.

Gostaríamos de ter neste «Boletim» uma secção que englobasse, em pormenor, a vida da massa operária. Para tanto torna-se necessário que cada encarregado tome o compromisso de arquivar, durante o mês, os factos mais importantes da vida dos operários.

Tenho a certeza que a vossa boa vontade não ficará adormecida.

Mãos à obra e assim criaremos neste «Boletim» a interessante secção «A TEBE POR DENTRO», dirigida pelos encarregados da TEBE.

VII — Hiéroglifos comprimidos

1000 U Nota 100 a	Rio Adjectivo	aqui 50 5 a Tejo
-------------------	---------------	------------------

olhei o homem	ande professor
---------------	----------------

E pronto... eis os problemas que propomos aos nossos argutos leitores e que ficam a constituir a IV Série do 1.º concurso do «Boletim Social da TEBE».

Quase todas as adivinhas e passatempos propostos são fáceis. Necessitam, no entanto de um pouco de paciência e especialmente de muita reflexão e alguns ligeiros conhecimentos. Saímos um pouco da geografia para passarmos um pouco por toda a matéria, genericamente falando, do que se aprende até à 4.ª classe.

E chegamos por fim ao famigerado «Quadro dos Campeões». Depois de revistas conscienciosamente todas as soluções que nos foram enviadas, visto que, como dissemos, algumas respostas traziam duas soluções, o que de forma alguma poderá ser aceite, ficou assim estabelecido o:

QUADRO DOS CAMPEÕES

1.º — Licínio Waldemar Esteves	10,8 pontos
2.º — Odagled	6,4 "
3.º — Maria Teresa Albuquerque	6,2 "

Responderam ainda e tiveram a classificação imediata, os seguintes concorrentes:

Fernando Pereira	5,8 pontos
MARIOLINDA	5,5 "
MARIMILA	5,3 "
TAQUIM E TACOS	5,3 "
ODRAUDE	5,2 "
A. Lima F. Magalhães	4,9 "
FREMANDO	4,8 "
João Cândido da Silva	4,8 "

Seguem-se com 4,7 pontos os seguintes concorrentes: Alfa — José de Bessa e Menezes e Sousa — Airam Asor — e com 3,4 José Fernando Lima da Costa e José Teixeira Vilas Boas.

No que se refere a prémios, e isto é o que mais interessa aos nossos estimados leitores-concorrentes, podemos dizer que vão ser estabelecidos numa forma inédita, em concursos desta natureza.

Não podemos, bem contra nossa vontade, indicá-los, mas esperamos no próximo número poder satisfazer a natural curiosidade dos nossos amigos leitores.

Para tal, precisamos que nos digam se devemos prorrogar o prazo desta primeira fase do nosso concurso, visto que o regulamento prevê o seu fecho para Janeiro de 1956. Poderíamos talvez prorrogar esse termo para o fim de Março próximo. Digam-nos, pois, se acham bem que esse prazo seja prorrogado, a fim de darmos a possibilidade aos leitores que vão um pouco atrasados, de se integrarem no Quadro dos Campeões.

Quanto a concorrentes, todos podem enviar soluções, no entanto, daremos prioridade, em igualdade de circunstâncias, (quanto ao número de pontos), aos empregados ou operários da TEBE.

Mãos à obra, pois, argutos leitores...

Instituto N. de Trabalho e Previdência

NOTA OFICIOSA DIA 1.º DE DEZEMBRO

ALGUMAS consultas têm sido feitas a esta Delegação sobre o regime de trabalho a observar no dia 1.º de Dezembro.

Compreende-se a dúvida porque houve tempo em que este era o único feriado de paralização das actividades imposto por lei.

O decreto n.º 38.596, de 4 de Janeiro de 1952, regulamenta, na generalidade, a matéria de feriados e de paralização e a remuneração obrigatória dos trabalhadores nestes dias.

Os Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho podem fixar, para as respectivas actividades, outros dias de paralização, descanso e encerramento.

Não é obrigatória a paralização geral no dia 1.º de Dezembro, mas são obrigados a encerrar e a dar descanso ao seu pessoal os estabelecimentos comerciais e industriais representados pelos Grémios do Comércio, Grémio dos Industriais Barbeiros e Cabeleiros do Distrito de Braga, Grémio Nacional dos Industriais de Cerâmica, Grémio Nacional dos Industriais de Botões e Grémio dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação.

O Grémio do Comércio de Barcelos requereu a transferência do encerramento para o dia dois, por ser dia de feira e ter lugar naquele concelho o Cortejo de Oferendas em favor do Hospital, no dia um.

Obtido parecer favorável do Sindicato respectivo, foi deferida a pretensão.

De igual forma foi autorizado que os estabelecimentos estivessem abertos no dia um e encerrados no dia dois, no Concelho da Póvoa de Lanhoso, por solicitação do Grémio do Comércio de Braga.

Aproveita-se o ensejo para lembrar alguns princípios que, sem explicação, os interessados por vezes afirmam ignorar:

1.º — São feriados gerais de paralização obrigatória, de encerramento dos estabelecimentos e descanso do pessoal, os seguintes dias santificados pela Igreja Católica:

- Circuncisão (1 de Janeiro);
- Corpo de Deus;

- Assunção (15 de Agosto);
- Todos os Santos (1 de Novembro);
- Imaculada Conceição (8 de Dezembro);
- Natal (25 de Dezembro);

2.º — No dia de Festa Nacional ou «Dia de Portugal» — 10 de Junho — é também obrigatória a cessação de todas as actividades;

3.º — São feriados com descanso do pessoal, os dias consignados nos Contratos e Acordos Colectivos de Trabalho;

4.º — Aos trabalhadores de carácter permanente, incluindo os dos estabelecimentos fabris do Estado, é devido o pagamento da remuneração nos dias de paralização ou de cessação das actividades;

5.º — Para compensação dessas remunerações o número de horas de trabalho, correspondentes aos feriados, pode ser distribuído pelos dias antecedentes ou subsequentes, até ao máximo de duas, mediante prévio aviso ao Instituto Nacional do Trabalho e Previdência;

6.º — A remuneração é sempre devida, independentemente de se verificar ou não a compensação, cuja utilização é uma faculdade das entidades patronais.

Portanto, nem a dificuldade dessa compensação, nem a «preferência» dos trabalhadores pela sua não realização dispensa o pagamento;

7.º — A sanção é uma multa igual ao triplo das remunerações devidas.

Com essa multa são cobradas as remunerações que não tiverem sido pagas e que os interessados podem também exigir por intermédio do Tribunal;

8.º — Esta faculdade de compensação, por excepcional, não pode ser utilizada por qualquer outra razão, ou sob qualquer pretexto.

O próximo dia 8 de Dezembro é feriado de cessação obrigatória de todas as actividades.

Braga e Delegação do I. N. T. P., aos 19 de Novembro de 1955.

O DELEGADO,

Valentim de Almeida e Sousa

Entrevista com Manuel de Sousa

No próximo número publicaremos uma entrevista com o Sr. Manuel de Sousa acerca da acção do cinema como função cultural para os trabalhadores e à finalidade da sua receita. Não nos foi possível, neste número, como era nosso desejo, dar o relevo suficiente ao assunto.

No próximo número daremos a devida publicidade.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não publicamos neste número as páginas «Literária» e «Feminina», bem como outro original, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Estatuto do Trabalho Nacional BRAGA

No próximo número faremos um artigo acerca das comemorações levadas a efeito na cidade de Braga.

Dada a significação do assunto não queremos deixar passar o acontecimento sem lhe dar o relevo que merece.

COBRANÇA

Como este «Boletim» luta com falta de fundos vai, dentro em breve, proceder à cobrança das assinaturas, certo que será bem acolhido.

A língua portuguesa

Por Maria Clara

TOLERÂNCIA E INDULGÊNCIA

A tolerância consiste em sofrer o mal, ou o abuso, fazendo que se ignora sua existência, ou sua malícia; mas ela não o consente, nem o permite, e não renuncia a castigá-lo.

A indulgência ou dissimula as culpas ou as perdoa facilmente. Esta pode vir da bondade ou de fraqueza; aquela vem da prudência.

Condensado do dic. dos sinónimos e epítetos

Visado pela Comissão de Censura

TRIUNFAR NA VIDA

(Continuação da página 3)

consciência dos nossos recursos.

Existe um mal de que, infelizmente, sofrem bastantes pessoas e que é a causa de muitos dos seus insucessos na vida. Refiro-me à antropofobia, ou seja o medo de frequentar outras pessoas, ou melhor, a aversão a reunir-se com elas. Este estado de espírito é quase sempre produto do complexo de inferioridade, e, muitas vezes, contrariando os nossos mais íntimos desejos, faz com que fujamos à convivência com os outros ou nos leva a um comportamento pouco sociável na sua presença.

Os não psicólogos atribuirão esta falta a um falso orgulho. Outras julgar-nos-ão broncos ou pouco inteligentes.

Mas enganam-se. A pessoa que assim classificam não é, na maior parte das vezes, nem orgulhosa, nem grosseira, nem tola, antes pelo contrário, no fundo do seu verdadeiro ser palpita um profundo desejo de se mostrar simpática, alegre, espirituosa, agradável. Mas dentro dela existe alguma coisa que a impede de se apresentar de harmonia com o seu verdadeiro sentir.

Quando isto acontece é sinal que se sofre, pouco ou muito, de antropofobia, e há que aplicar a terapêutica espiritual necessária para vencer o mal antes de que termine por azeitar-nos a existência e degenerar em mirantropia.

Uma das causas que devemos combater é a timidez. A pessoa tímida nunca chega a nenhum sítio. Tudo são obstáculos no seu caminho. Os objectos que deseja, sorriem-lhe através de uma montanha, mas ficam fóra do seu alcance. As pessoas a quem

DEZEMBRO

(LAVOURA)

Trabalhos agrícolas deste mês

POMAR—Continuam as plantações. Podam-se as árvores frutíferas, que foram tantas vezes interrompidas pelo mau tempo. Plantam-se os sabugueiros e sobreiros.

HORTA — Preservam-se da neve as couves da primavera. Dá-se ao plantio das couves-flores em camada uma segunda plantação. Renovam-se as sementeiras de ervilhas e feijões temporãos.

Continua a produção artificial dos espargos.

Durante o dia devem arejar-se os celeiros onde estão conservadas as provisões do inverno.



Piadas com barbas? ... Talvez!

Em pleno baile.

Ele — V. Ex.^a, minha senhora, é uma pessoa adorável, é bem a fascinação dos meus olhos, como sinto por si uma afeição natural... Em conclusão: V. Ex.^a, minha senhora, é um anjo.

Ela — Lamento ter de dizer que sinto por V. Ex.^a precisamente o contrário... E não sei bem como possa exprimir-me.

Ele — É muito fácil! Faça como eu: minta.

Sabe qual é o cúmulo do escritor? É escrever com a pena da morte.

Escreveu algures um cronista estrangeiro:

«O português tem a nostalgia da nau».

Mas outro escritor afirma que não é da nau; mas da caravela.

Talvez caravela não fique mal, pois como se sabe, em calão, caravela quer dizer cinco tostões.

Está, portanto, certo. A nostalgia da caravela. É isso mesmo.

Mas, se me permitem, a minha opinião é que o português tem a nostalgia da coroa... A coroa, afinal, também são cinco tostões. (Adalberto).

Há dias trouxeram-nos este cúmulo: «Coser um quilo de carne numa máquina de costura».

E hoje mesmo encontramos na rua disfarçado em pó este: «uma risca muito direita na cabeça dum prego torto».

Entre crianças

Um: E se brincássemos aos piratas?

Outro: Não! É melhor brincar aos discos voadores.

Meninas, homens, senhoras, toda a gente

dora a perfeição das malhas TEBE e

lembra aos poucos que as não usam a

harmonia do corte e a beleza da confecção e

assim, a pouco e pouco, com segurança,

são imprescindíveis em todos os lares portugueses.

Toda a mulher elegante usa cintas TEBE

até toda a senhora distinta não conhece outras...

basta olhar, na elegância do porte, a suavidade

encantadora, para nos levar a dizer:

AQUELA USA CINTAS TEBE

Jaime Ferreira

Curandeiro

(Continuação da página 8)

às agências dramáticas, mas ninguém quis financiar-me.

Passava a vida no café a forjar planos industriais, comerciais e financeiros, e cheguei a encarar a possibilidade de imigrar para a Turquia, Canadá ou América do Sul. Não desesperava, porque sabia que na vida tudo é possível.

Chegara a ter uma casa de três andares na Grande Rua, e que acontecera uma vez podia tornar a suceder ainda, de um momento para o outro.

Mas a fé de Vilma não era tão firme. Estava verdadeiramente desesperada. Soube que ela fora algumas vezes a Obuda para consultar uma cartomante. Vilma Lorinczy, doutora em Medicina, ex-interna dos hospitais de Budapeste, ginecologista e parteira diplomada, consultando em Obuda, uma cigana tarada!

Alvorçou-se-me o coração: era uma indicação do destino! Acabava de aprender uma coisa que estava acima da ciência, da fé e da incredulidade; acima da virtude e do vício, do cego acaso e da reflexão genial, o segredo de todo o êxito, o grande mistério que procura a celebridade, a glória, o prestígio, o poder material e moral.

Soltei um grito e bati na testa: viveria de não sei quê de misterioso, mas de universalmente eterno e sobre-humano, que atrai para as bruxas as mulheres formadas em Medicina; que atrai os poetas, os artistas, os homens de Estado, os soldados, os inventores e os génios da finança para os curandeiros, os espiritas, os profanos ocultistas, os fundadores de religiões, os faquires indianos, os novos messias, os taumaturgos, os magos modernos, os grafólogos, os magnetizadores, porque só podem acreditar no inacreditável e porque o impossível é para eles o verdadeiro.

Vilma salvou-me. Instalei-me em Buda com minha mulher e as duas velhas mães, e fiz-me charlatão. Pelo magnetismo animal, o hipnotismo e a sugestão, curei os pobres do bairro. A princípio não aceitava dinheiro.

Ocultei obstinadamente o meu diploma de médico. Proclamei-me o sacerdote de uma nova seita. Vilma foi a sacerdotiza, e as duas velhas damas, santas já retiradas do comércio da cura e do milagre.

Alcançei êxitos prodigiosos.

Curei os febris, os atacados de reumatismo, os cardíacos, mas procurava o remédio de que ocultava sempre o verdadeiro nome, indicando-lhe os casos em que era necessário, ao tomá-lo, persignar-se três vezes, ou, quando ouvesse luar, recitando

de joelhos, do fim ao princípio, nomes dos meses. Empregava água mágica... Fiz absorver aos meus doentes litros dessa água, que era de uma fonte esplêndida em que introduzia pirâmido, brometo, cresote, ruibarbo, cafeína e quinino; enfim, os remédios aplicáveis às enfermidades dos clientes. Mas evitava que o paladar acusasse o gosto destas drogas, a fim de que os doentes não descobrissem que lhes receitava os remédios de que careciam. Aqui para nós, o tratamento aplicado era estritamente científico, e, quanto aos histéricos e aos neuropatas, curava-os com os meus passos mágicos, pela confiança que em mim depositavam e principalmente pela crença, cada vez mais generalizada, de que não tinha nenhum diploma e de que as minhas curas miraculosas eram devidas às minhas relações com forças sobrenaturais.

Dois anos depois, já tinha clientes nos meios mais elevados. Cobrava aos ricos quantias fabulosas. Enviava os doentes incuráveis aos médicos conscienciosos, porque, na minha qualidade de taumaturgo, assistia-me o direito de recusar a minha mão misericordiosa aos que disso eram indignos. Falava deste modo aos que careciam de cirurgião. E enviava-os para as clínicas da especialidade. Estes factos aumentaram ainda a minha celebridade omnivalente, a minha reputação de superioridade e a fé na minha missão. Os êxitos por mim alcançados em neuroses gástricas foram qualificados de prodigiosos.

Tornei-me curandeiro e doutor miraculoso. Pouco a pouco, a minha fama transpôs as fronteiras do meu país. Arranjei, assim, rapidamente uma pequena fortuna e, como eu também tenho uma alma supersticiosa, sentimental e romântica, adquiri a casa de três andares da Grande Rua, onde estive durante um ano, como corrector da Bolsa e comissionista, e a da Avenida de Ullo, onde durante meses se lera na porta, em duas placas: Estêvão Rozgonyi, médico. Vilma Lorinczy, médica, ex-interna dos hospitais de Budapeste, ginecologista e parteira diplomada.

Hoje sou um homem rico. Farto de Buda e do "ofício" de curandeiro, declarei aos meus doentes que era médico diplomado. Desiludidos e tristes, renunciaram aos meus serviços como aos de um charlatão que tivesse abusado deles.

Instalei-me na Casa da Grande Rua e mandei colocar na porta as duas placas de médicos.

Há três meses que minha mulher e eu abrimos os nossos

NYLON TEBE... é bem igual à beleza que as combinações traduzem...

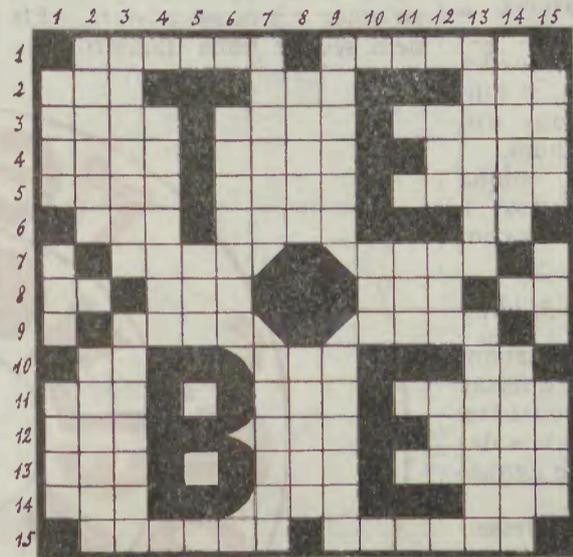
Bráulio Pacheco Furtado

(Palavras cruzadas)

Com os nossos melhores agradecimentos acusamos as palavras cruzadas que fez o favor de enviar ao «Boletim Social da TEBE» e que, gostosamente, publicamos:

HORIZONTAIS

1 — Afecto violento; trivial. 2 — Ter direito; progenitor; observar. 3 — Animal sagrado dos Egípcios; depressa; ciência da Moral. 4 — Habitação de recreio; verbal; membros das aves. 5 — Fazer voar; súplica; árvore da família das leguminosas. 6 — Ovário dos peixes; cidade francesa que foi testemunha do suplício de Joana D'Arc; doutor. 7 — Planta de aplicações culinárias; rio da Europa que nasce nos Alpes. 8 — Desamparado; vá pelo



ar; pedra do altar; interpretada o que está escrito. 9 — Vassoitar o forno depois de aquecido; salutare. 10 — Criminosa; iniciais da Real Força Aérea; clima. 11 — Proveitoso; gavinha; ligeiros. 12 — Empregue; sãnie; poeta. 13 — Tempo do verbo «ler»; aqui está; onde se alojam os cães. 14 — Caminhavas; designativo de três; espaço de tempo. 15 — Agita; pantanosa.

VERTICAIS

1 — Ilha importante da Indonésia; ensejo; mexi levemente. 2 — Órfão sob tutela; de côr rosada (pl.). 3 — Dava guarida; aquilo que foi remetido. 4 — Granizo. 5 — Tempo

do verbo «pôr». 6 — Roer lentamente. 7 — Quando o médico cortou; repisa. 8 — Arma branca; ameaçar ruína. 9 — Viola grande; corpo ou fragmento encontrado no seio da terra em estado de petrificação. 10 — Batráquios. 11 — Época. 12 — Bigorna de ourives; advérbio de negação; a primeira mulher. 13 — Prevenido; planícies que só produzem pastagens. 14 — Peorar; membrana interior do olho na qual se formam as imagens. 15 — Rasoira; doçura; estampilha.

Grupo Coral Aleluia

O Grupo Coral Aleluia, da acção cultural das «Fábricas Aleluia» dedicou, no passado dia 20, à gerência da fábrica TEBE e a todo o seu pessoal um autêntico sarau de arte.

Foi uma audição cheia de encanto, pois o conjunto orfeónico «ALELUIA» tem o seu nome assegurado e, para tal, basta dizer que já tem actuado na Emissora Nacional e em algumas cidades do estrangeiro.

Da primeira parte do programa constavam os seguintes números: Canção Alegre do Natal, O sono do Menino Jesus, de F. A. Gevaert; Tenbrae Factae Sunt (Féria V-in Parasceve-Resp. V) do P.^o Francisco Martins; Aleluia (dum Códice do Mosteiro de Arouca), transcrito e interpretado por D. Mauro M. Fábregas - O. S. B.; Nina-Nana (solista: Teresa Neves) da autoria de E. Lavínio Virgili; e Natal de Elvas, har. de M. Sampayo Ribeiro.

Ao intervalo, a gerência da TEBE ofereceu ao Snr. Carlos Aleluia, digníssimo regente do grupo Aleluia, uma artística placa de prata onde se lia uma saudação muito amistosa e muito significativa. O regente da TEBE, Snr. Campos Henriques, num breve mas expressivo improvisado disse da valia e do significado do intercâmbio cultural das manifestações artísticas das fábricas e referiu-se à acção do Snr. Carlos Aleluia adentro da fá-

brica como industrial e como artista. Por último o regente orfeónico, Senhor Carlos Aleluia, abraçou o Senhor Campos Henriques. Este abraço foi coroado por uma demorada salva de palmas.

Depois o programa continuou com os seguintes números: Canção da Vindima e Maria da Conceição, harm. de F. Lopes Graça; Doce Lima, canção popular do Alentejo, de Castro Rodrigues e finalmente 4 harmonizações de M. Sampayo Ribeiro.

Os componentes do Grupo e o seu distinto regente foram coroados com prolongados e sinceros aplausos.

Por último falou o Snr. Manuel de Sousa que disse algumas palavras, agradecendo ao Grupo os momentos de prazer espiritual com que deleitou a assistência.

Terminado o concerto, a caravana visitou demoradamente todas as dependências da TEBE levando as melhores recordações.

Após esta visita, a Gerência da fábrica, ofereceu, ao conjunto orfeónico, um finíssimo «copo de água».

E assim terminou uma festa simples; mas que traduziu bem quanto pode um homem quando a inteligência, o talento e a boa vontade caminham sem peias nas horas livres da vida profissional.

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão de efusivas saudações.

consultórios, luxuosamente instalados, com uma vasta ante-câmara cheia de móveis antigos, de tapetes da Pérsia, de tecidos

caros e porcelanas raras, à disposição dos pacientes.

Até hoje nem um doente lhes perturbou a paz e o recolhimento.

SOU doutor em Medicina. Concluí o curso durante o último ano da guerra. E quando despi o uniforme vi-me na rua com o meu diploma, sob um frio de rachar, sem casa, sem luz, sem aquecimento, sem colocação e sem dinheiro. E não tinha nada em vista. Minha mãe, viúva de um engenheiro-chefe dos caminhos de ferro, morava em Siklós, condado de Baranya, numa pequena casa que, com uma vinha na encosta das montanhas de Vilany, constituía toda a sua fortuna.

Passsei dois meses em casa dela, neste pequeno ninho fofo e quente, perfumado de alfazema, a rascunhar requerimentos e pedidos de empregos que, no fim de contas, não enviava a ninguém, convencido de que não seria nomeado para nenhum.

Duas vezes por dia, minha mãe pedia-me que pregasse à porta uma pequena tabuleta com estes dizeres:

Estêvão Rozgonyi—Médico

Os campônios não tardariam a procurar-me para se queixar de dores nas costas e pontadas, além de que eu ainda podia desempenhar as funções de dentista e parteiro.

Quinze dias depois, confessei-lhe que só podia viver em Peste. O melhor, na minha opinião, era ela vender tudo o que tinha e vir comigo para Peste. Alugaria ali uma casinha com três compartimentos: um para ela, outro para mim, e o terceiro destinar-se-ia ao consultório. Os doentes aguardariam a sua vez no vestíbulo. Recordo-me que este meu sonho se materializou em princípios de Maio.

Aluguei os três compartimentos num prédio da avenida de Ullo e mandei colocar na porta da rua, por cima das placas de cinco advogados e dois médicos, a minha, que proclamava modestamente: *Estêvão Rozgonyi—Médico*. Comprei a um colega um aparelho de Raio X—e o dinheiro da venda da vinha desapareceu na transacção,—um aparelho velho, pequeno, primitivo, usado, um aparelhinho miserável. Com o alojamento, instrumentos, "Roentgen", o peçúlio material foi engolido até ao último centavo.

Esperei os pacientes.

Vinha um, em cada dia, às vezes dois e até três, quando se tinha a sorte de haver uma epidemia, mas entravam para o consultório dos dois outros médicos, inevitavelmente. Um deles, um parteiro, assistente de um professor de clínica; o outro, um dentista, que arrancava os dentes cariados aceitando o pagamento em doze prestações mensais.

Inútil dizer-vos que, enquanto estas coisas se passavam tinha-me apaixonado.

Conheci-a na Universidade. Chamava-se Vilma Lorinczy. Praticava num hospital como ginecologista e parteira diploma-

O Curandeiro

da. Acabava de ser despedida do hospital e estava sem colocação, mas os seus cabelos de um loiro carregado chamejavam como o bronze, e dos seus olhos, grandes e azuis, emanavam a bondade, a clarividência e o amor. A princípio, só nos encontrámos na rua; mas, mais tarde, arriscámo-nos a frequentar um pequeno "café" sossegado, onde confiávamos mutuamente o nosso amor e a nossa tristeza. Ela nem sequer tinha dinheiro para

a ser quatro: dois jovens médicos, minha mãe e a de Vilma. Outra placa foi colocada à porta do prédio: Vilma Lorinczy, médica, ex-interna dos hospitais de Budapeste, ginecologista e parteira diplomada.

Mas não havia quem se desse ao luxo de cair doente, e os que já estavam preferiam morrer a dar o seu dinheiro ao médico e ao farmacêutico.

Por fim, Vilma entrou como correspondente para um institu-



se instalar, porque a sua mãe, que era viúva, não possuía uma casa e uma vinha. A pobre estava sem recursos e passava o tempo a solicitar emprego. No seu desespero, sentia-se na disposição de ir para o campo, como médica de dispensário. Encontrávamo-nos todas as manhãs no café, num nicho praticado no vão de uma janela, conversávamos em voz baixa.

—Que havemos de fazer, meu Deus!...

—Precisamos de ter paciência! A situação de um de nós tem de se modificar.

—Fez o pedido?

—Não havia vagas. Só com um grande empenho.

—E quem me poderia valer?

—Vou-me oferecer como enfermeira. Que lhe parece? Ou então como parteira.

Vilma sabia francês e tinha do inglês alguns conhecimentos. Podia ser dama de companhia. Mas estava-se no após-guerra e ninguém pensava em ter dama de companhia.

Durante seis meses só fizemos projectos. Vilma não conseguira emprego e nem um só doente entrara no meu consultório. Como nada podíamos fazer de melhor, casámo-nos. Passamos

to financeiro recentemente formado, e eu traduzia do alemão notícias para um velho quotidiano. O novo instituto e o velho quotidiano faliram, e no mesmo dia eu decidi fazer exame de motorista e inscrever-me no sindicato dos condutores de táxis. Mas não cheguei a exercer este officio, porque Vilma entrou para o escritório de um corrector da Bolsa, operando-se em seguida uma mudança tão extraordinária na nossa vida, como, nem no meio dos meus sonhos mais absurdos, chegara a admitir. Vendi o meu aparelho de Raios X e com o dinheiro que obtive comecei a jogar na Bolsa.

Passados dois anos, tinha alugado uma casa em Budapeste, na Grande Rua, uma casa e três andares, com dezoito compartimentos, sem contar a minha instalação de seis aposentos e o meu escritório, onde trabalhavam dois empregados, um advogado e três dactilógrafas, e o rés-do-chão, com o meu nome em letras de ouro na tabuleta: "Estêvão Rozgonyi, corrector e comissionista".

No dia seguinte, vendi a casa, o automóvel, os tapetes de Pérsia, as antiguidades e as porcelanas, e concluí com os meus

credores uma concordata de trinta por cento.

Paguei tudo honradamente para poder alugar para nós, para as nossas duas velhas mães, dois quartos mobilados confortáveis, tive de vender o meu sobretudo de inverno e o último casaco de peles de Vilma.

Não desesperámos. Sabíamos já que a sorte é variável.

Tratei de pedir uma concessão de venda de tabaco em nome de minha mãe, mas não consegui obter, o que me causou alegria, porque, de toda a maneira, não tinha dinheiro para alugar uma loja e pagar o primeiro fornecimento à administração do Estado. Achei preferível colocar marcas estrangeiras, mas esbarrei com o fisco pelo que, mudando de tática procurei pôr em contacto o ministro das Finanças com as grandes manufacturas alemãs de charutos, e assegurar, aos charutos húngaros, um mercado na Alemanha. Nada tendo conseguido com o ministro, abri no meu quarto alugado uma agência de publicidade, mas depressa me apercebi de que precisava, para começar, de fazer publicidade de mim próprio, o que custava dinheiro. E a questão do dinheiro inutilizou a iniciativa.

Não desanimei. Tentei tirar patente de uma invenção: o desenho de mapas geográficos nos balões que se dão às crianças, mas esta magnífica ideia pedagógica perdeu-se no meio da papelada da Repartição de patentes.

Tentei o comércio de antiguidades e, como não tinha dinheiro, procurei clientes, para comprarem, por meu intermédio, os tesouros artísticos da burguesia arruinada. Mas toda a gente em Budapeste queria vender e ninguém queria comprar. Abandonnei esta actividade ingrata. Não desesperei. Vendi o relógio e pus um anúncio em que me declarava apto a servir de intermédio às pessoas que procuravam casa ou desejam adquirir um prédio. Não tardei muito a descobrir que não havia casas desvolutas e que, para adquirir um prédio, era necessário dinheiro. Recebi a visita de muitas pessoas que pediam a minha intervenção para conseguir um empréstimo que lhes permitisse alugar uma casa. Fui obrigado a abandonar esta ocupação. Concluí ainda alguns projectos que faliram, mas não perdi a coragem.

Durante algumas semanas, esforcei-me por arranjar dinheiro para montar um laboratório de química, pois descobrira um processo maravilhoso de exterminio de parasitas: os ratos e os mosquitos. Orientei-me, mais tarde, para o fabrico de caselna e várias experiências nos domínios da reprodução litográfica, da fotografia e da filatelia. Imaginei "cenários" de filmes, que levei

(Continua na página anterior)